



PARA ALÉM DAS TELAS: MOVIMENTOS CRÍTICOS NAS AULAS REMOTAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ÂMBITO DO PIBID

Paulo Silas de Souza Silva^{1*} (IC), Amanda Rosa Silva² (IC), Ana Carolina Silva Oliveira³ (IC), Andressa Alves Guedes⁴ (IC), Cleydimeire Rodrigues⁵ (IC), Fernanda Geovanna Reis Lima⁶ (IC), Grazielly de Paula Arruda dos Santos⁷ (IC), Isabela Oliveira Santos Neto⁸ (IC), Helen Lisboa Ramalho⁹ (EF), Valeria Rosa-da-Silva¹⁰ (PQ).

professorpaulosilas@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como cenário algumas das ações desenvolvidas pelos/as participantes do subprojeto PIBID de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás (UEG), UnU Inhumas. Essas ações foram desenvolvidas em uma escola pública de educação básica do Estado de Goiás, parceira do PIBID, e, devido à pandemia de Covid-19, foram realizadas em formato remoto. Dessa forma, o objetivo deste estudo é discutir ações de sala de aula desenvolvidas sob a perspectiva do letramento crítico (MENEZES DE SOUZA, 2011), no âmbito do PIBID, bem como os sentidos construídos pelos/as participantes do subprojeto, a partir dessas ações. Para tanto, a abordagem metodológica é de natureza qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006). Os resultados sugerem que os sentidos construídos acerca dessas ações estão relacionados à ampliação de perspectivas e a oportunidades de práxis docente na escola pública de educação básica, contribuindo, sobremaneira, para a formação dos/as professores/as-licenciandos/as.

Palavras-chave: PIBID. Letramento crítico. Ensino remoto. Formação docente.

Introdução

— Eu realizei um sonho. Penso que é o momento mais feliz da minha vida porque estou voltando para a escola. Hoje eu tenho meus livros, minha mochila, e vou aprender... Eu quero aprender sobre política, sobre direitos sociais e sobre a lei. Eu quero aprender sobre como posso mudar o mundo — ela disse, no primeiro dia de aula. O primeiro dia do resto de sua vida.

(Adriana Carranca, em Malala: a menina que queria ir para a escola)

¹ Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas
² Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas
³ Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas
⁴ Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas
⁵ Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas
⁶ Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas
⁷ Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas
⁸ Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas
⁹ Colégio Estadual São Geraldo, Goianira-GO
¹⁰ Universidade Estadual de Goiás, Unu, Inhumas





Quando se fala em educação, não se pode negar que ela desempenha importante papel na sociedade. Em se tratando da educação escolarizada, a personagem de Adriana Carranca, baseada na ativista Malala Yousafzai, lembra-nos que a escola é lugar de aprender sobre questões políticas e sociais, e até mesmo sobre como podemos mudar o mundo. Malala faz referência ao contexto paquistanês, onde o direito à educação lhe foi negado.

Em solo brasileiro, por mais que esteja previsto na Constituição Federal que a educação é um direito de todos/as, o modo desastroso como o atual governo federal tem gerido o sistema educacional nos leva a colocar em xeque esse direito. Para citar apenas um exemplo desse descalabro, no momento que escrevemos este texto, nossas bolsas de incentivo à docência, das quais alguns/mas de nós e de outros/as estudantes de todo o Brasil dependemos para subsidiar nossos estudos, encontram-se com mais de sessenta dias de atraso.

Por outro lado, embora a educação brasileira sofra com a má gestão do atual governo, ainda assim, mesmo que faticamente, ela tem se mantido de pé. Neste terrível contexto pandêmico em que estamos – contexto esse que, lamentavelmente, causou a morte de muitas pessoas pelo mundo com um impressionante número que alcança a casa dos sete dígitos em apenas dois anos – escolas e universidades têm enfrentado desafios, mas têm se reinventado com o auxílio das telas de computadores, *tablets* ou telefones celulares.

A pandemia de Covid-19 trouxe consigo a intensificação da desigualdade social e muitas mortes, mas não foi somente isso. Dentre as tantas mazelas causadas pelo contexto pandêmico, houve, também, a multiplicação das dificuldades na área da educação. Algumas dessas dificuldades foram: inabilidade no manuseio das tecnologias digitais – principalmente pelo corpo docente –, falta de dispositivos digitais, bem como internet para acessar as aulas por meio dos dispositivos, sobretudo para as classes mais vulneráveis. Frente a esses desafios, nas ações que desenvolvemos no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Língua Portuguesa, UEG, UnU Inhumas, consideramos ser pertinente ensinar não apenas aspectos conteudistas, mas questões que





pudessem ser relacionadas à vida além da sala de aula. Promovendo, assim, debates que contribuíssem com a formação de criticidade nos/as estudantes, fazendo-os/as perceberem as construções sociais e políticas que os/as circulam, bem como perceberem quem são por meio da língua/linguagem. Essas questões, a nosso ver, podem ser relacionadas à perspectiva do letramento crítico.

Letramento crítico, no ensino de línguas, é fazer com que os/as estudantes percebam que a língua/linguagem não é um objeto ou instrumento para comunicação apenas, mas que ela é, como bem diz Marco Túlio de Urzêda Freitas, “[...] um conjunto de múltiplos repertórios de sentido, atravessados por relações de poder, que mobilizamos para (re)construir a vida social na interação com o mundo”. Concordamos com esse autor e, por isso, escolhemos, como fonte de inspiração para nossas aulas de língua portuguesa, perspectivas que concebem a língua/linguagem como uma prática social. É por essa razão que concluímos ser relevante trabalhar com perspectivas críticas, sobretudo o letramento crítico, em nossas ações no âmbito do PIBID.

Diante disso, este trabalho tem como cenário algumas das ações desenvolvidas por nós, participantes do subprojeto PIBID de Língua Portuguesa da UEG, UnU Inhumas, também coautores/as deste texto. Essas ações foram desenvolvidas em uma escola pública de educação básica do Estado de Goiás, parceira do PIBID, e, devido à pandemia de Covid-19, foram realizadas em formato remoto. Desse modo, o objetivo deste estudo é discutir ações de sala de aula desenvolvidas sob a perspectiva do letramento crítico, no âmbito do PIBID, bem como os sentidos construídos por nós, participantes do subprojeto, a partir dessas ações.

Material e Métodos

A abordagem metodológica que escolhemos para este estudo é de natureza qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006), cuja ênfase está nos processos interpretativos. O estudo foi desenvolvido no âmbito de um subprojeto do PIBID/Letras/ Português, iniciado em outubro de 2020. O foco principal deste trabalho está sobre algumas das ações desenvolvidas nos meses de maio, junho, agosto e setembro de 2021, período





em que, efetivamente, começamos a desenvolver aulas e oficinas temáticas, ainda que em modo remoto, em parceria com a professora supervisora na escola parceira. Quanto aos locais, esta pesquisa foi desenvolvida em um curso de Letras: Português e Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), UnU Inhumas, em parceria com uma escola pública de educação básica de Goiás, parceira do PIBID.

A UEG foi criada pela Lei Estadual n. 13.456, de 16 de abril de 1999, e foi estruturada como uma instituição multicampi (CARVALHO, 2017), ou seja, que tem seus polos espalhados por todo o estado de Goiás e sede central na cidade de Anápolis-GO. Em Inhumas, a UEG atende à comunidade de Inhumas e região, oferecendo cursos de Letras, Pedagogia e, mais recentemente, Psicologia.

Nosso subprojeto foi desenvolvido em parceria com uma escola pública, localizada na cidade de Goianira-GO, que atende atualmente mais de 1.400 alunos/as, divididos entre os turnos matutino, vespertino e noturno. A escola conta com 19 salas de aula, sendo 9 salas modulares, biblioteca, cantina e quadra poliesportiva. O quadro de servidores é composto por 88 funcionários/as, sendo 64 professores/as e 24 agentes administrativos/as.

O material empírico deste estudo são as ações desenvolvidas na escola, em formato remoto, que consistem em: atividades didáticas, slides, planos de aula e vídeos; e questões reflexivas (QR) respondidas pelos/as professores/as-licenciandos/as, via WhatsApp.

Resultados e Discussão

As ações que desenvolvemos na escola parceira do PIBID foram inspiradas por perspectivas críticas de ensino de línguas, com ênfase no letramento crítico, que, para Lynn Mário Menezes de Souza (2011, p. 293), é “ir além do senso comum, fazer o aluno ir além da aparência da verdade; fazer o aluno refletir sobre aquilo que ele pensa que é natural e verdadeiro”. Desse modo, o ensino pautado no letramento crítico pode ser entendido como aquele que visa não só a incentivar os alunos a lerem o texto, mas que os leve a pensar no processo de construção de sentidos a partir da leitura, considerando que sua interpretação pode estar ligada ao contexto em que estão





inseridos. Assim, o que estão lendo é passível de diversas interpretações, o que não significa que as outras pessoas estão erradas só por terem interpretações diferentes sobre um mesmo tema. Em resumo, é conhecer a si mesmo e ter a consciência de que nem todos constroem sentidos da mesma maneira e que “para alguém que vive em outro contexto, a verdade pode ser diferente” (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 293).

Escolhemos fazer uso dessa perspectiva de educação linguística, pois sabemos da importância que o pensamento crítico pode ter para os/as discentes, na sua formação e no exercício de sua cidadania (crítica). Pensamos não somente no contexto escolar, mas também em outros espaços sociais. Então, a partir dos temas e das leituras que propusemos em sala de aula, tentamos estimular o lado crítico dos/as estudantes, buscando expandir suas perspectivas sobre questões relevantes para nossa sociedade atual. Tendo em vista que o cenário pandêmico atual despertou mais questionamentos, em todos/as, e tornou ainda mais visíveis algumas das inúmeras desigualdades e incoerências da sociedade que merecem atenção, o letramento crítico foi entendido como uma maneira de discutir temas que abordam questões sociais e políticas mais amplas.

Foi nesse sentido que, em nossas aulas, escolhemos discutir temas, como: racismo, desigualdade social, preconceito, afetividade, direito à educação entre outros, entrecruzando-os com outros repertórios linguísticos, como classes gramaticais e gêneros textuais, como histórias em quadrinhos (HQs), músicas e crônicas, por exemplo. O quadro 1 ilustra algumas das ações que desenvolvemos:





Quadro 1 – Ações desenvolvidas

Temas	Materiais	Objetivos	Principais Tópicos
Racismo e preconceito	Música: Vidas Negras Importam, de Martinho da Vila.	Desenvolver e despertar o pensamento crítico quanto às lutas/causas negras; desenvolver o repertório linguístico dos/as alunos/as no que se refere à interpretação textual.	<ul style="list-style-type: none">- Origens do Movimento Black Lives Matter;- Charges (caso Geroage Floyd, João Pedro e Ágatha);- Interpretação textual.
Desigualdade social	Crônica: Piscina, de Fernando Sabino.	Desenvolver e despertar o pensamento crítico quanto à desigualdade social, ao preconceito e discriminação; reconhecer as características do gênero textual crônica.	<ul style="list-style-type: none">- Características do gênero crônica;- Interpretação textual.
Afetividade e expressão de sentimentos.	E-book: O Homem que Amava Caixas, de Stephen Michael King.	Desenvolver e despertar o pensamento crítico em relação à expressão de sentimentos e discutir as diversas formas de demonstrá-los com o objetivo de fazer com que os alunos conheçam mais a si mesmos; revisar classes gramaticais básicas.	<ul style="list-style-type: none">- Contação de história;- Interpretação textual;Classes gramaticais;- Referenciação.
Representatividade negra.	E-book: O Cabelo de Lelê, de Valéria Belém.	Despertar e desenvolver o pensamento crítico no que se refere à multiculturalidade - no Brasil, principalmente - com	<ul style="list-style-type: none">Noções básicas sobre o continente africano.- Identificação de gêneros textuais diversos;





		ênfase na representatividade negra.	-Revisão de classes gramaticais; - Revisão de pontuação; - Interpretação textual; - Elaboração de autorretrato.
Afetividade e autoconhecimento.	E-book: O livro dos sentimentos, de Todd Parr.	Despertar e desenvolver o pensamento crítico quanto à campanha Setembro Amarelo; desenvolver o repertório linguístico.	- Reconhecimento de letras maiúsculas e minúsculas; - Noções de paragrafação. - Interpretação textual; - Elaboração de cartões (Setembro Amarelo).
Direito à educação.	Livro: Malala: a menina que queria ir para a escola, de Adriana.	Despertar e desenvolver o pensamento crítico no que se refere ao direito à educação.	- Breve introdução sobre a vida de Malala Yousafzai; - Contextualização geopolítica do livro.

Fonte: elaborado pelo/as autor/as.

Essas ações foram desenvolvidas por meio da plataforma Google Meet uma vez que, à época, a escola e a universidade estavam sob o regime de afastamento social devido à pandemia de Covid-19. Algumas dessas ações foram realizadas remotamente, no contraturno, em formato de oficinas temáticas, com os/as estudantes em casa; outras aconteceram durante a aula da professora supervisora, em formato híbrido, ou seja, os/as estudantes e a professora estavam presencialmente na escola e os/as professores/as-licenciandos/as participaram em formato remoto.

Uma questão importante que buscamos considerar nas ações que desenvolvemos foi a participação dos/as estudantes. Elaboramos atividades para que os/as estudantes pudessem interagir com os temas abordados seja por meio de movimentos propiciados por jogos digitais, oralmente ou escrevendo no *chat*. Nos





termos da professora-licencianda Sakura ¹¹, “muitas atividades [buscaram] o desenvolvimento e [a] participação ativa dos alunos, não é só apenas o professor que tem a “voz” dentro da sala de aula” (QR, 2021).

Em consonância com nosso entendimento de que precisamos ir além dos aspectos conteudistas e ir além das telas, uma de nossas ações, cujo objetivo era discutir sobre sentimentos e emoções, culminou com a elaboração de cartões motivacionais relacionados à temática do Setembro Amarelo. Esses cartões foram compartilhados entre os/as estudantes e alguns/mas deles/as foram expostos no mural da escola.

Figura 1 – Cartões Setembro Amarelo



Fonte: arquivo pessoal da professora supervisora.

Considerações Finais

¹¹ Utilizamos codinomes (de flores em japonês) para nos referirmos às professoras-licenciandas.





Ao refletir sobre os sentidos construídos acerca dessa experiência para sua formação docente, as professoras-licenciandas afirmam:

“[...] o PIBID me ensinou a não ter medo de enfrentar uma sala de aula”. (Tsubaki, QR, 2021).

“Com as atividades e aulas realizadas por nós, tivemos a oportunidade de entender um pouco mais sobre a realidade da sala de aula, principalmente em escolas públicas, mesmo que de forma remota, por conta do período atual”. (Momo, QR, 2021).

“Além de aprender bastante com a metodologia ensinada, posso ver em mim a teoria na prática, vejo os meus planejamentos criando vida, sentido e assim alcançando o objetivo”. (Sakurasou, QR, 2021).

“Como professora em formação, está me trazendo experiências para elaborar aulas principalmente online”. (Kosumosu, QR, 2021).

Experimentar a sala de aula na condição de professor/a ainda no processo de formação mostra-se importante e o PIBID promove essa possibilidade ímpar. Pelas ações discutidas e pelos relatos supracitados, pode-se concluir que os movimentos empreendidos no subprojeto não só contribuíram para a formação profissional dos/as licenciandos/as, como, também, para a ampliação de seus mundos e perspectiva de vida. O PIBID oferece uma oportunidade de formação na e com a escola pública de educação básica e, somado às perspectivas críticas que inspiraram nosso trabalho, tornou-se um espaço profícuo para *ensinar* sobre como podemos mudar o mundo.

Agradecimentos

Agradecemos à Capes e à UEG pelas bolsas concedidas.

Agradecemos, também, à professora Maria Margarete Pozzobon! Professora, nunca nos esqueceremos da sua trajetória conosco e do trabalho feito com dedicação e esforço!

Referências

CARRANCA, Adriana. *Malala: a menina que queria ir para a escola*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.





CARVALHO, Renata R. S. *A UEG no contexto das universidades estaduais brasileiras: histórico, assimetrias e desafios*. São Leopoldo: Oikos; Anápolis: Editora UEG, 2017.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. *In: O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MENEZES DE SOUZA, Lynn M. T. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? *In: JORDÃO, Clarissa M.; MARTINEZ, Juliana Z.; HALU, Regina C. (org.). Formação "desformatada": práticas com professores de língua inglesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 279-303.

URZÊDA FREITAS, Marco Túlio. Brasil e sua educação para barbárie. *Carta Maior*, 16 de novembro de 2021. Disponível em:
<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Educacao/Brasil-e-sua-educacao-para-a-barbarie/54/51961>. Acesso em: 10 de nov. 2021.

